

GÊNERO E ARTE, ECLETISMO E POLITIZAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A EXPOSIÇÃO “QUEERMUSEU” EM UMA DISCIPLINA DE GRADUAÇÃO

Eixo Temático 01 - A Arte e suas Manifestações: Navegando entre as Diferenças, Corpo(S), Gênero(S) e Sexualidade(S)

Hugo Romano Mariano ¹
Helena Altmann ²

RESUMO

Ensaio sobre uma experiência pedagógica ocorrida em 2017 na disciplina eletiva EF 960 - Corpo, Gênero e Sexualidade, ministrada na graduação em Educação Física da UNICAMP. Analisamos, à luz do presente, uma aula sobre a exposição “Queermuseu - Cartografias da diferença na arte brasileira”, expondo a interação entre docentes e discentes. São nossos principais aportes teóricos: Helena Altmann (2015), Jorge Luiz Schroeder (2006 e 2010) e Judith Butler (2018 e 2021). Esta experiência pedagógica e analítica possibilitou reflexões sobre ecletismo nas atribuições de sentidos em Arte, o que demanda compreensão, traz tensões, e pode possibilitar significativa agência artístico-educativa em processos especializados nos Estudos de Gênero, no exercício da pluralidade, politização, crítica e liberdade.

Palavras-chave: Gênero. Arte. Ecletismo. Politização.

INTRODUÇÃO

Refletir interdisciplinarmente sobre Estudos de Gênero e Arte é o objetivo deste trabalho. Para isto, trazemos este ensaio em que analisamos uma aula sobre a exposição “Queermuseu”. Esta experiência aconteceu em uma disciplina de graduação.

¹ Doutorando pelo Curso de Música da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, hugoromanomariano@hotmail.com.

² Professora coorientadora: livre docente, Faculdade de Educação Física – UNICAMP, altmann@unicamp.br.

Situamos nossa análise no amalgamento entre o caráter crítico e politizado dos Estudos de Gênero, e o viés eclético e transgressivo da exposição “Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira”. A abordagem pedagógica que recorremos pôde propiciar um exercício interativo em uma disciplina do curso de Educação Física.

A exposição ocorreria entre 15 de agosto e 10 de setembro de 2017, e foi apresentada no Santander Cultural, em Porto Alegre. Ela foi acusada de apologia à pedofilia, à zoofilia e ao vilipêndio religioso. O Movimento Brasil Livre impulsionou nas redes sociais certo pânico moral referente à sexualização infantil nas obras, e desrespeito à moral religiosa, acionando fundamentalistas religiosos. A exposição foi fechada, o que evidenciou censura. Seu curador, Gaudêncio Fidelis, foi convocado a depor na CPI DOS MAUS-TRATOS³, cujo presidente, Magno Malta, o inquiriu, produzindo um dos momentos mais vexatórios e contraproducentes do contexto contemporâneo brasileiro, em um ambiente em que se recrudescia as posições políticas e passava a haver um levante ultraconservador no Brasil. Segundo o *site Buzz Feed*⁴, esta era a primeira exposição de arte com temática *queer* da América Latina. Ela contava com 264 obras, de 85 artistas brasileiros, mostrando mais de um século das artes plásticas e seu relacionamento com o universo LGBTQIA+.

A disciplina em que apresentamos a temática referente à exposição foi a EF 960 - Corpo, Gênero e Sexualidade, ministrada eletivamente na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, pela professora Helena Altmann, e contou, em 2017, com o auxílio do então mestrando em Educação, Hugo Romano Mariano, que se voltava para analisar publicações acadêmicas sobre gênero, sexualidade e educação musical. Esta disciplina recebe alunas e alunos de diversos cursos: da Educação Física, Ciências do Esporte, Ciências Sociais, Medicina, Enfermagem, Dança, Música, Pedagogia, entre outras, incluindo dissentes da graduação e pós-graduação, brasileiros e estrangeiros.

O que relatamos aqui é justamente uma aula desta referida disciplina em que apresentamos e discutimos, com as alunas e os alunos, a exposição “Queermuseu”.

³ Consultar “RELATÓRIO DA COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO”, disponível em: <<https://legis.senado.leg.br/comissoes/comissao?codcol=2102>>. Acessado em 12/03/2022.

⁴ Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/br/tatianafarah/veja-30-obras-da-exposicao-censurada-no-santander-cultural>>. Acessado em: 12/03/2022.

A apresentação da temática em aula se deu de modo expositivo a partir de uma reportagem do *site Buzz Feed*⁵, em que aparecem algumas obras da exposição e certas leituras possíveis à estas obras. Houve ainda a explicitação de determinadas conceituações sobre Arte e atribuição de sentidos. Após isto, abriu-se um processo interativo em que discentes e docentes expuseram seus pontos de vistas, o que envolveu críticas, ponderações, posicionamentos diversificados e certos consensos.

Aqui será explicitada a concepção aberta sobre gênero que Helena Altmann (2015) fornece, focalizando no contexto brasileiro, em sua expansão nas ciências humanas a partir dos anos 1980. A autora mostra que, o gênero sendo conceituado como uma categoria analítica e relacional, em articulações com as categorias raça, classe, geração, sexualidade, entre outras, também significado a partir das relações de poder e campos de estudos, atravessa as fronteiras disciplinares e se constitui para desnaturalizar a diferença sexual em múltiplos terrenos de luta.

Do mesmo modo, a noção de “corporalidade musical”, de Jorge Luiz Schroeder (2006 e 2010), tomada metodologicamente, proporciona um exercício interdisciplinar analítico, em que o objeto artístico, podendo ser especificamente o musical, mas não somente, demanda criticidade em relação às constantes atribuições de sentidos, fazendo-nos perceber o que faz um objeto ser um enunciado artístico e o que ele significa como tal, sempre compreendendo-o constituído socio historicamente e dinâmico.

Suscitamos um entendimento sobre as reflexões que Judith Butler (2021) traz sobre a necessidade de enfraquecer certos discursos de ódios, comumente voltados às mulheres, incluindo as pessoas LGBTQIA+, e que, a nosso ver, no referido caso da censura à exposição, são passíveis de serem esmiuçados na compreensão de enunciados artísticos e da criticidade relativa às categorias gênero-sexualidade.

ENTRE O POLITIZADO E O ECLETISMO: OS ESTUDOS DE GÊNERO E A ARTE EM AMÁLGAMA

Estereotipicamente falando, poderíamos suscitar a dicotomia gênero-politizado *versus* arte-ecletismo? Isto seria um reducionismo viciado, uma dicotomização que não nos serve a não ser que vista de modo complementar, da religação dos opostos.

⁵ Disponível em: <<https://www.buzzfeed.com/br/tatianafarah/veja-30-obras-da-exposicao-censurada-no-santander-cultural>>. Acessado em: 12/03/2022.

A problemática suscitada na aula sobre a “Queermuseu” mostra exatamente que os valores atribuídos às obras independiam de posicionamentos mais ou menos feministas, mais ou menos LGBTQIA+, o que possibilitou ver que as noções de arte, realidade e ficção eram subjugadas à efetiva atribuição de moralidade.

Isto torna os artistas ilesos às contradições? Aqui, incorreríamos a outro equívoco. A noção de arte libertária e plural não é por si só um valor fechado, replicável ou substancializado em uma ou outra forma rígida. Ela requer, aos moldes observados na reflexão específica sobre pluralidade que Butler (2018) traz, uma percepção dinâmica, inclusiva e aberta, suscetível a também cometer seus equívocos e exageros.

Compreender que a arte reflete e refrata a realidade pode ser um importante passo, a nosso ver, para possibilitar interpretações que se dispõem às aberturas, à inclusão, e menos às totalizações e cerceamentos de sentidos (SHOEROEDER, 2006, 2010). Aqui o refletir da realidade na arte significa que a arte é produzida sócio historicamente e que repete e reflete as normativas comuns aos seus meios de produção, ou seja, ela reitera os padrões de masculinidades e feminilidades dentro de si mesma. Já refratar a realidade por meio da arte significa que a arte, de modo relativo, cria sentidos que podem se distanciar ou se diferenciar das atribuições mais comuns e mais normativas em outras áreas de produção de conhecimentos.

Por sua vez, o gênero, atravessando as fronteiras disciplinares e desnaturalizando a diferença sexual em múltiplos terrenos de luta (ALTMANN, 2015), instaura uma demanda bastante politizada e de alta criticidade em relação a Arte; o que nos leva a ter que reconhecer que o caráter eclético (reflexivo e refratário) da arte se choca com as diretrizes politizadas dos estudos de gênero, não pela ausência de pluralidade deste, mas por sua atuação mais diretiva.

A reflexão sobre a exposição trouxe à tona as complexas atribuições de sentido em arte, e suscitou as agências politizadoras do gênero: diálogos difíceis.

REALIDADE, PLURALIDADE E ECLETISMO: DEMANDAS INTERDISCIPLINARES

Pensar em convergências e divergências nas demandas emergentes entre Arte e Estudo de Gênero ocasionadas, aqui, pela exposição “Queermuseu”, instaurou-se na busca por certo entendimento; naquilo que diz respeito aos interesses dos sujeitos.

Olhar para a criação artística e lê-la de modo objetual, ou seja, enquanto um objeto passível de atribuições de sentidos, demanda, em um certo recorte, a seguinte pormenorização:

Os artistas são capazes de criar não apenas porque são “inspirados” ou porque dispõem de técnicas e linguagens, mas sobretudo porque dispõem de gêneros e acervos de referências artísticas com as quais vão dialogar em suas criações. Cada obra de arte é pluri-significativa, plurilinguística (...) e faz ecoar muitos outros enunciados artísticos (NASSIF e SCHROEDER, 2011, p. 142-143).

A base na qual muitos artistas fazem emergir suas artes, e os sentidos por eles atribuídos a elas, instaura-se na propriedade de certa obra emergir consubstancializando elementos sócios históricos inteligíveis e ter a capacidade de, consciente ou inconscientemente, explicitar elementos que produzem aberturas ao ininteligível.

Se a criação se instaura no reflexo e na refração da realidade que tanto constitui a arte quanto a faz excepcional, o expectador de modo difuso percebe tais nuances na atribuição de sentidos e assimilações, isto a partir de noções díspares de seus valores.

Pensar a realidade na arte de modo relativo e eclético possibilita a constatação de sentidos amplos e dispersos que inibem uma leitura direta entre o representado na arte e o “real” encontrado “fora” dela. Isto implica que um objeto, ou uma performance artística, surge de uma pluralidade de referências, e de leituras à posteriore; o que depende do quanto certa obra está mais voltada à realística ou ao abstracionismo.

Não é simples assimilar a realidade e a pluralidade na arte, uma vez que a arte refletindo a realidade, ela pode refratar o sentido daquilo que ela parece simplesmente repetir. A simples reprodução e replicação na arte não tem o mesmo sentido que o objeto real. Um bom exemplo disto nos ofereceu René Magritte. Ele desenhou “realisticamente” um cachimbo e escreveu abaixo: “Isto não é um cachimbo”; o que nos leva a perceber a diferença entre hiper-realismo na arte e a realidade.

Agora sob a égide dos Estudos de Gênero perguntamos: Quais tipos de elementos vão ser elencados para se ler uma determinada obra de arte e o que isso pode implicar?

Há diversos modos de pensar isto, a depender do que é retratado artisticamente, pode surgir no imbricamento entre Arte e Estudos de Gênero colossais assimetrias nas atribuições de sentidos às obras de arte. O nu, por exemplo, pode ser um dos temas mais díspares. Observamos empiricamente isto ao trabalhar a “Queermuseu” em aula.

Tal exposição possibilitou pensarmos que a utilização da nudez não tem sentido absoluto de abuso ou de sexualização de certos corpos, mas pode transitar entre o erotismo, o pornográfico, ou ser tomado simplesmente para um fazer “acadêmico” na arte, uma instância que dá conta da visão do nu enquanto uma busca quase essencial da representação do corpo, podendo ser ainda um exercício de aprimoração anatômico-artística; em nada relacionada à atribuição sexualizada ou nudista, própria de uma leitura direta do corpo que é retratado.

Se por vezes, no feminismo, há a denúncia de certa nudez como exploradora da condição humana, da função hipersexualizada das mulheres; em arte, isto pode escapar relativamente, ou seja, demanda sempre um olhar mais plural, mas flutuante, menos absoluto. Isto implica em certa liberdade que pode trazer profundas rupturas com certa ética feminista, a depender do lugar de enunciação, claro. A “verdade” sobre arte se instaura, em muitos casos, pela leitura descontextualizada do nu em certa obra; em contrapartida, as reflexões e críticas à objetificação do corpo feminino, naquilo que transita entre o erotismo e o pornográfico, explicita a nudez pelo viés de uma materialidade consubstanciada no contexto machista.

Aqui não se busca dizer que há impossibilidades de um lado e abertura de outro. Em se tratando das áreas da Arte e dos Estudos de Gênero, suscita-se entendimentos que explicitem possibilidades ao mesmo tempo politizadas e de liberdade de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os caminhos trilhados por nós neste trabalho se instauraram interdisciplinarmente no amalgamento entre Gênero e Arte, em uma análise sobre uma aula referente à exposição “Queermuseu — Cartografias da diferença na arte brasileira”, em uma disciplina de graduação de um curso de Educação Física. A exposição e aula aconteceram em 2017, e permitiram reflexões sobre atribuições de sentidos em arte.

Dado o levante ultraconservador que ainda se estende, pareceu-nos legítimo suscitar esta análise só agora, passados quase 5 anos dos ocorridos, pois à luz dos eventos à época, o vimos de modo mais passional e em uma razão pujante de resposta apressada, do que hoje, necessariamente sob a égide crítica e dos diálogos estabelecidos com Altmann (2015), Schroeder (2006 e 2010) e Butler (2018 e 2021).

Aqui, enquanto professores, interpretamos, aos nossos modos, as contribuições de nossas alunas e alunos à época, esmerilhando nossa análise, e isto foi feito sem buscar constrangimentos, e impulsionando as contradições, pois acreditamos que os dissensos, em disputas e complementariedades podem contribuir para reflexões e mudanças. O ecletismo e a politização emergem desta materialidade observável e inferível.

Estar em meio a uma disciplina que se fundamenta epistemicamente na abertura, no fazer crítico e no diálogo interdisciplinar, cuja relação de ensino-aprendizagem se constitui na troca entre docentes e discentes, concede, passado os anos, a possibilidade de reflexão tão autocrítica e reveladora que aqui foi explicitada. Fazemos isto em nome, quem sabe, de um aprofundamento e de um maior diálogo entre estas e outras áreas de conhecimento, tomando como aporte desta proposição uma abertura aos dissensos e à pluralidade.

Em termos gerais, esta experiência pedagógica e analítica explicita e suscita a necessidade de se compreender que as demandas reflexivas sobre Estudos de Gênero e Arte incutem processos críticos, de aberturas e entendimentos específicos das áreas amalgamadas, bem como, a constante atualização dos limites e inclusão de certas temáticas no contexto do ensino superior.

Este exercício interdisciplinar analítico, com trocas de conhecimentos, em pormenorizações de caráter aberto, fluido e eclético, implica certa dificuldade de compreensão, traz tensões, mas pode possibilitar significativa agência artístico-pedagógica, em ação crítica e educativa, politizadora e libertária por meio dos Estudos de Gênero, o que demanda, indubitavelmente, fazeres pedagógicos especializados.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. *Educação física escolar: relações de gênero em jogo*. São Paulo: Cortez, 2015.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

_____. *Discurso de ódio: uma política do performativo*; traduzido por Roberta Fabbri Viscardi. – São Paulo: Editora Unesp, 2021.

NASSIF, Silvia C; SCHROEDER, Jorge. L. Música como discurso: uma perspectiva a partir da filosofia do círculo de Bakhtin. *Música em perspectiva*, v.4, n.2, set., p. 127-153, 2011.

SCHROEDER, Jorge. L. *Corporalidade musical: as marcas do corpo na música, no músico e no instrumento*. 229 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas: Unicamp, 2006.

_____. Corporalidade musical na música popular: uma visão da performance violonística de Baden Powell e Egberto Gismonti. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.22, p.167-180, 2010.